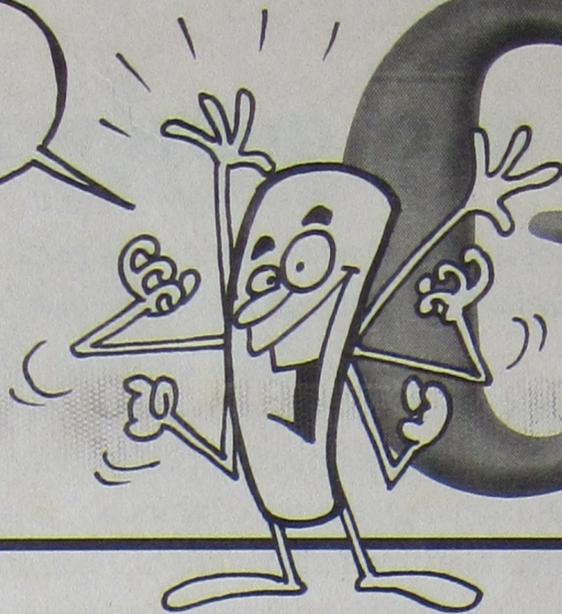


VOLTEI COM FORÇA,
GARRA E ANIMAÇÃO!
EIS-ME AQUI DE NOVO



Ano V
Preço: R\$ 1,50
Out./1998
Nº 9

Paulo Freire

“ A mim, que sempre recusei as explicações mecanicistas da História e da consciência, a euforia neo – liberal me encontra onde sempre estive. Mais radical, nenhuma sombra de sectarismo, por isso mais aberto, mais tolerante comigo mesmo e com os outros. Mas tão decidido, quanto antes na luta por uma educação que, enquanto ato de conhecimento, desafie o educando a aventurar-se no exercício de não só falar da mudança do mundo, mas de com ela realmente comprometer-se. ”

Paulo Freire – Maio de 1996



Olha a gente aqui outra vez...

Depois de longo recêso reunimos a velha turma, convidamos gente nova, conseguimos um apoio da Fundação Kellogg e estamos começando o GIZ outra vez.

Durante o tempo em que estivemos parados a Educação entrou em grande evidência. Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação; Novos Parâmetros Curriculares; Avaliação Nacional e externa; ensino à distância; classes de aceleração, foram alguns dos temas que circularam entre os educadores. Computadores, antenas parabólica e vídeos cassetes foram apresentados como equipamentos escolares. Jornais, revistas, rádio e televisão abriram espaços para matérias sobre educação.

Contudo, a satisfação dos professores e professoras com o seu trabalho não parece ter aumentado. Para isto contribuem, sem dúvida, as classes cada vez mais cheias, a violência cada vez mais presente, o desinteresse cada vez maior entre os alunos e os resultados desproporcionais ao esforço realizado.

Sabemos que as mudanças que estão ocorrendo na educação brasileira não passarão de meras aparências se não produzirem melhores resultados nas salas de aula. E nisto, os professores desempenham um papel fundamental. Nós, do GIZ, temos convicção de que uma educação bem sucedida depende do sucesso das professoras e dos professores que a fazem. Sucesso que certamente não decorre apenas de medidas governamentais, mas muitas vezes até precisa ser conseguido apesar delas.

O GIZ renasce buscando atingir um grande objetivo, contribuir para que professoras e professores possam ter sucesso na profissão que escolheram. Esperamos que as leitoras e leitores nos ajudem a conseguir o sucesso que desejamos...

EXPEDIENTE

GIZ é publicado pelo
VEREDA - Centro de
Estudos em Educação
Rua Coari, 72 - casa 4
CEP 05022-030
São Paulo - SP
fone/fax
(011) 3872-4628
E-mail: VEREDAED@uol.com.br

Colaboraram neste número:
Acácio Arouche de Aquino
Ana Elisa Siqueira
Andréia O. Barreto
Elaine S. Orzari
Elizabeth Castelão Martins
José Carlos Barreto
Luís Pestana
Marco Antonio B. Edreira
Maria José R. Ribeiro
Meyri Venci Chieffi
Regina Inês Estima
Rui Grillo
Vera Barreto
Zoraide Faustini Silva

Layout: Sebastião Xavier
Editoração: Formato
Quadrinhos: Verdasca e Mendonça

Tiragem: 20 000 exemplares
Impresso na Quimgráfica

Você receberá gratuitamente as nossas próximas duas edições. Depois, se desejar continuar recebendo o GIZ bastará fazer sua assinatura anual.

C A R T A S

Através de uma colega conheci o GIZ e fiquei entusiasmada pelo jeito simples e direto de tratar importantes pontos ligados à educação. Logo depois, fiquei triste com a notícia de que ele não circularia por algum tempo. Queria dizer que estou torcendo para que o jornal volte logo porque há muita coisa que precisa acontecer na escola pública e o GIZ vinha contribuindo para se chegar a escola que todos desejamos.

Estou desde já esperando pela volta do simpático GIZ.

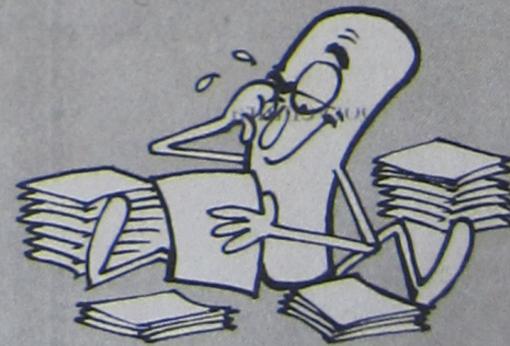
Rosilene Garcia - Salvador - BA

Queria saber se já existe uma data para a volta do jornal GIZ. Gostávamos muito do jornal e esperamos tê-lo de volta o quanto antes. A situação da escola, principalmente da pública, anda bem precária e as crianças acabam ficando no prejuízo. O professor sente falta de um apoio objetivo que fala na linguagem dele e que caiba no seu bolso.

Maria José Almeida Chaves -
São Paulo - SP

Na minha escola são muitas as professoras que como eu esperamos que o GIZ volte o mais rápido possível. Sentimos falta dele nas nossas reuniões.

Arlete G. Gomes - Campinas - SP



Assinatura anual (9 números): R\$ 10,00.

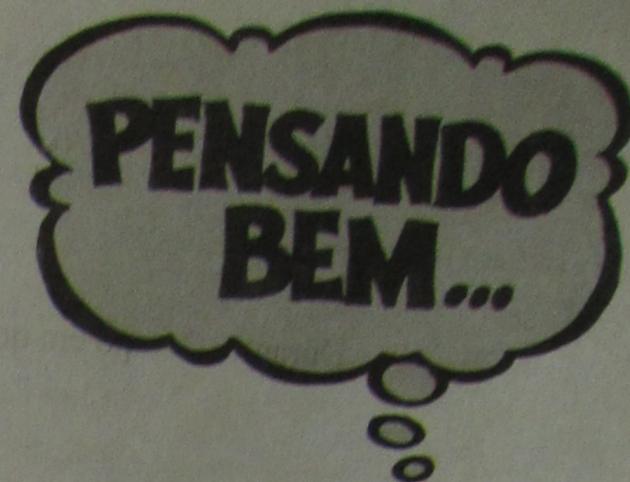
Para assinar envie nome, endereço e cheque via correio ou nome, endereço e comprovante de depósito bancário via fax ou correio.

BRANCO Agência 031-0 - Praça Panamericana Conta 97189-8

VEREDA - Centro de Estudos em Educação Rua Coari, 72 casa 4 - CEP 05022-030 - São Paulo

Fone/Fax: (011) 3872-4628

A escola dos meus sonhos



As idéias de Paulo Freire sobre a escola são totalmente compatíveis com a escola dos sonhos de Frei Betto

Na escola dos meus sonhos não há temas tabus. Todas as situações-limites da vida são tratadas com abertura e profundidade: dor, perda, falência, parto, morte, enfermidade, sexualidade e espiritualidade. Ali os alunos aprendem o texto dentro do contexto; a Matemática busca exemplos na corrupção dos precatórios e nos leilões das privatizações; o Português, na fala dos apresentadores de TV e nos textos de jornais; a Geografia, nos suplementos de turismo e nos conflitos internacionais; a Física, nas corridas de Fórmula-1 e nas pesquisas do supertelelescópio Hubble; a Química, na qualidade dos cosméticos e na culinária; a História, na violência de policiais contra cidadãos, para mostrar os antecedentes na relação colonizadores-índios, senhores-escravos, Exército-Canudos, etc.

Na escola dos meus sonhos, a interdisciplinaridade permite que os professores de Biologia e de Educação Física se complementem; a multidisciplinaridade faz com que a História do livro seja estudada a partir da análise de textos bíblicos; a transdisciplinaridade introduz aulas de meditação e dança e associa a história da arte à história das ideologias e das expressões litúrgicas.

Se a escola for laica, o ensino religioso é plural: o rabino fala do judaísmo; o pai-de-santo, do candomblé; o padre, do catolicismo; o médium, do espiritismo; o pastor, do protestantismo; o guru, do budismo, etc.

Na escola dos meus sonhos, os professores são obrigados a fazer periódicos treinamentos e cursos de capacitação e só são admitidos se, além da competência, comungam os princípios fundamentais da proposta pedagógica e didática. Porque é uma escola com ideologia, visão de mundo e perfil definido do que sejam democracia e cidadania. Essa escola não forma consumidores, mas cidadãos.

Ela não briga com a TV, mas leva-a para a sala de aula: são exibidos vídeos de anúncios e programas e, em seguida, analisados criticamente. A publicidade do iogurte é debatida; o produto, adquirido; sua química, analisada e comparada com a fórmula declarada pelo fabricante; as incompatibilidades, denunciadas, bem como os fatores porventura nocivos à saúde. O programa de auditório de domingo é destrinchado: a proposta de vida subjacente, a visão de felicidade, a relação animador-platéia, os tabus e preconceitos reforçados, etc. Em suma, não se fecham os olhos à realidade, muda-se a ótica de encará-la.

Há uma integração entre escola, família e sociedade. A Política, com P maiúsculo, é disciplina obrigatória. As eleições para o grêmio ou diretório estudantil são levadas a sério e, um mês por ano, setores não vitais da instituição são administrados pelos próprios alunos. Os políticos e candidatos são convidados para debates e seus discursos, analisados e comparados às suas práticas. Não há provas baseadas no prodígio da memória, nem na sorte da múltipla escolha.

Não há coincidência entre o calendário gregoriano e o curricular. João pode cursar a 5ª série em seis meses ou em seis anos, dependendo de sua disponibilidade, aptidão e seus recursos.

É mais importante educar do que instruir, formar pessoas que profissionais; ensinar a mudar o mundo que ascender à elite. Dentro de uma concepção holística, ali a ecologia vai do meio ambiente aos cuidados com nossa unidade corpo-espírito e o enfoque curricular estabelece conexões com noticiário da mídia.

Na escola dos meus sonhos, os professores são bem pagos e não precisam pular de colégio em colégio para se poderem manter. Pois é a escola de uma sociedade em que a educação não é privilégio, mas direito universal, e o acesso a ela, dever obrigatório.

Frei Betto, escritor e dominicano escreveu com P. Freire o livro: *Essa escola chamada vida*. (Ática)

O trecho publicado faz parte do artigo: *A escola dos meus sonhos*, publicado no *Jornal do Brasil*

REGIMENTO PARA SE ADAPTAR OU MUDAR

A Constituição e a LDB apontam como principal objetivo da escola a formação do cidadão. Para poder participar plenamente da cidade é que se ensina a ler e a escrever. E cidadania se aprende na participação, na prática cotidiana.

Vários educadores constataram que a mais significativa bagagem que o aluno leva da escola, ainda que às vezes não seja um processo consciente, é o que ele incorporou "copiando" modelos, ou seja, aqueles professores dos quais gostava ou admirava. O que "passamos" para eles não são nossos discursos mas a nossa coerência ou incoerência de atitudes. Portanto, não podemos ser levianos. Tanto nas escolas municipais quanto estaduais da cidade de São Paulo, a atitude dos professores ao receberem a proposta de elaboração do regimento comum era de apatia ou de desejo de boicotá-la. Pairava o sentimento de que a margem do que poderiam modificar era extremamente exígua e não havia tempo para estudo da legislação que dá suporte (Constituição, LDB, Estatuto da Criança e do Adolescente). Alguns professores alegavam, com certa razão, que a autonomia proposta pelo governo às escolas era de arcar com as consequências sem ter o respaldo de uma infra-estrutura suficiente. Por exemplo: o fato dos alunos progredirem para as séries seguintes, mesmo estando em dependência em algumas matérias representa um avanço e uma economia porque abre uma vaga; entretanto, para o professor e para a secretaria essa medida representa um trabalho a mais. Em que horário o acompanhamento dos alunos em dependência será feito? Junto com as turmas normais? Serão colocados mais funcionários para atender essa demanda extra de serviços? Não adianta haver leis que protejam os cidadãos se estes não as conhecem, se estes não acionam a justiça quando seus direitos são violados. Assim, o simples fato de participar na elaboração de um Regimento tem um caráter formativo pois permite desvelar os limites do mesmo e a articulação da escola com o sistema escolar e com a sociedade onde está inserida. Permite um desvelamento das relações de poder que permeiam as instituições, as diferentes visões de mundo e concepções de objetivos da escola. Da compreensão da realidade cotidiana mais próxima podemos chegar a uma concepção mais clara da sociedade mais ampla, da cidade, do estado, do país.

O papel

Falando e escrevendo frequentemente para educadoras e educadores Paulo, por muitas vezes, se referiu ao que se espera do educador. Ao fazer o prefácio de um livro de Ira Shor, um educador norte americano e seu grande amigo, Paulo apontou aspectos do papel do educador, pontos que ele via como de grande importância para que a prática educativa contribuísse para o processo de libertação. Nesta ocasião escreveu:

“Tendo a educação uma natureza social, histórica e política, não podemos falar de um papel universal, imutável, do professor. Basta pensarmos um pouco sobre o que tem sido esperado do professor em diferentes tempos e espaços para perceber sem dificuldade a afirmação feita”.

ASSUMIR A POLITICIDADE DA EDUCAÇÃO

“A politicidade da educação exige do educador, de um lado, que eleja a serviço de quem quer estar, de outro, que diminua a distância entre a expressão verbal de sua opção e sua prática. É uma contradição proclamar uma opção progressista e ter uma prática autoritária ou espontaneista. A opção progressista demanda uma prática democrática, em que a autoridade jamais se alonga em autoritarismo, mas, por outro lado, jamais se amofina, no clima irresponsável da licenciabilidade.”

Um papel igual para todos os professores só pode ser aceito por quem, ingênua ou astutamente, afirma a neutralidade da educação, concebendo a escola como uma espécie de parêntese cujo corpo se acha imune às questões ligadas às classes sociais, ao sexo, à raça. O que me parece impossível é aceitar que um professor de história, racista, reacionário, tenha o mesmo desempenho de um outro, democrático. Daí a necessidade, que tem o professor de, constatando a politicidade de sua prática, assumi-la, em lugar de negá-la.”



“A educação não se dá pela transferência de um sujeito falante que a deposite em pacientes emudecidos”

ASSUMIR A COMPETÊNCIA CIENTÍFICA

“Há uma dimensão de que participa todo professor, no que diz respeito a seu papel, independentemente de sua opção política. Um fazer comum ao professor progressista e ao professor reacionário. Este fazer é o ato de ensinar o que tem de ser ensinado. Mas, se os dois se identificam na obrigação de ensinar, os dois se distinguem quanto à compreensão de ensinar e se separam, se coerentes consigo mesmos, na prática de ensinar.”

A competência científica necessária, indispensável ao ato de ensinar, jamais é entendida pelo professor

progressista como algo neutro. Temos de nos indagar a favor de quem e de que se acha nossa competência científica e técnica.

Se o professor progressista, ao contrário do reacionário, deve esforçar-se por “desopacisar” a realidade e “desmiopisar” os alunos, ele não pode, jamais deixar de lado o ensino do conteúdo em favor apenas da politização dos alunos. Do ponto de vista do professor progressista, nem a compreensão mágica do conteúdo segundo a qual, em si mesmo, ele é libertador, nem tampouco o descompromisso por ele como se a claridade política trabalhasse sozinha. A claridade política é necessária, indispensável mesmo, mas não é suficiente.”

ENSINAR A APRENDER

“Ensinar, numa perspectiva progressista, não é a simples transmissão do conhecimento em torno do conteúdo. Transmissão que se faz muito mais através da descrição do conceito do objeto a ser mecanicamente memorizada pelos alunos. Ensinar, do ponto de vista progressista, não pode reduzir-se a um puro ensinar os alunos a aprender através de uma operação em que o objeto do conhecimento fosse o ato mesmo de aprender.”

1921	1931	1943	1944	1947-57	1959	1961	1964	1964-68
Nascimento “Nasci em Recife, rua do Encanamento, 724, no dia 19 de setembro”	Mudança para Jaboatão em consequência da crise de 29. Morte do pai “Minha família que era de classe média, foi obrigada a deixar Recife. Este fato representou mudança fundamental na minha vida. Em Jaboatão me tornei homem, graças a dor e ao sofrimento que não me submergiram nas sombras do desespero”.	Estudante de Direito	Casamento com Elza Maia Costa de Oliveira “Eu sempre digo que ninguém marca encontro com o amor. Numa esquina qualquer da vida eu encontrei Elza e ela me encontrou. E deu certo o encontro.”	SESI / Pernambuco “Minha vinda para o SESI possibilitou meu reencontro com a classe trabalhadora.”	Professor universitário Apresentação da tese: Educação e atualidade brasileira. Nela fala da necessidade de uma escola democrática, centrada no educando, marcada por nova prática pedagógica.	Movimento de Cultura popular – Primeiros experiências no campo da alfabetização de adultos “Havia no MCP o sonhar e o lutar com a transformação da sociedade brasileira.” “A alfabetização é um ato de conhecimento, um ato de criação e não de memorização mecânica de letras e sílabas.”	Golpe militar. Prisão e exílio “A classe dominante tinha poder suficiente para dizer que eu era comunista. A fundamentação básica para que eu fosse chamado comunista eu dava. Eu pregava uma pedagogia desveladora das injustiças.”	Chile – Publicação da Educação como prática da liberdade – Escrita e publicação da Pedagogia do Oprimido – O período do Chile foi o tempo de consolidação do pensamento freireano. “A realidade chilena me ajudava, na sua diferença com a nossa, a compreender melhor as minhas experiências e estas, revistas, me ajudavam a compreender o que ocorria e poderia ocorrer no Chile.”

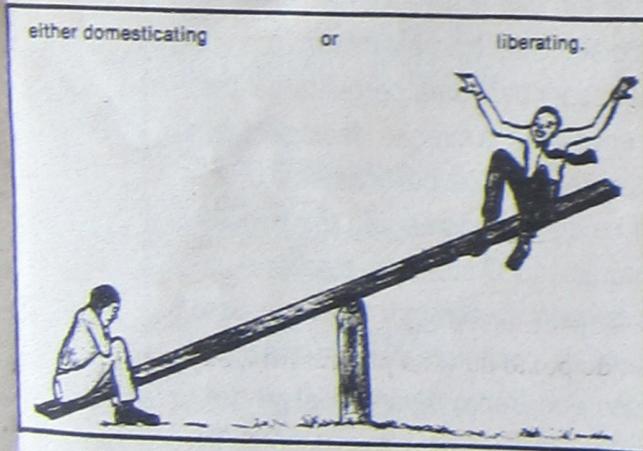
do educador

Ensinar só é válido, quando os educandos aprendem a aprender ao aprender a razão de ser do objeto ou do conteúdo. É ensinando biologia ou outra disciplina qualquer que o professor ensina os alunos a aprender.

Do ponto de vista progressista, ensinar implica, pois, que os educandos, em certo sentido, "penetrando" o discurso do professor, se apropriem da significação profunda do conteúdo que esta sendo ensinado. O ato de ensinar, de responsabilidade indiscutível do professor, vai desdobrando-se, da parte dos educandos, no seu ato de conhecer o ensinado."

MANTER A CURIOSIDADE

"O professor só ensina verdadeiramente, na medida em que conhece o conteúdo que ensina, quer dizer, na medida em que se aproxima dele, em que o apreende. Neste caso, ao ensinar, o professor reconhece o objeto conhecido. Em outras palavras, re-faz sua cognoscitividade na cognoscitividade dos educandos. Ensinar é, assim, a forma que toma o ato de conhecer que o professor necessariamente faz na busca de saber o que ensina para provocar



"A educação é sempre um ato político: liberta ou domestica"

nos alunos seu ato de conhecimento também. Por isso, ensinar é um ato criador, um ato crítico. A curiosidade do professor e dos alunos, em ação, se encontra na base do ensinaprender."

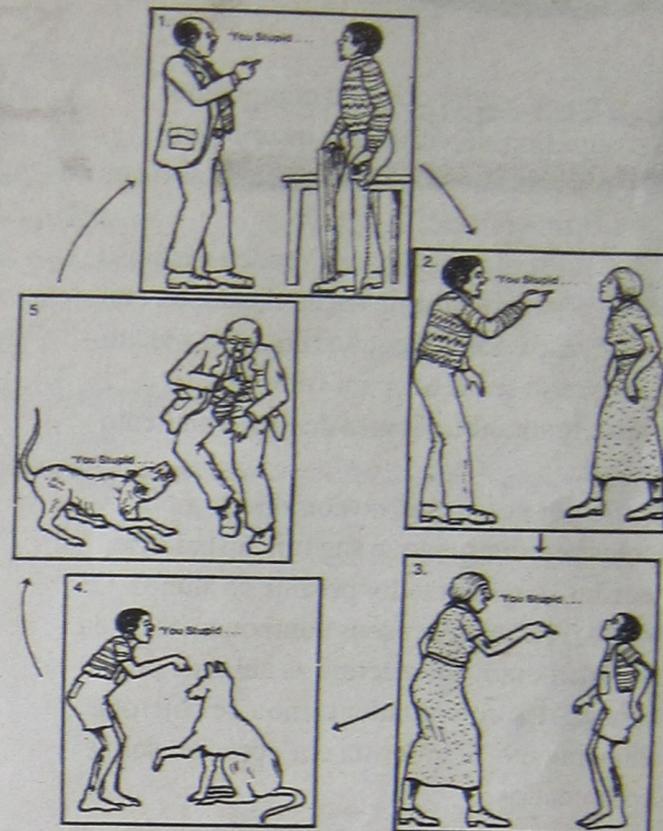
PROMOVER A DISCIPLINA

"Ensinar um conteúdo pela apreensão deste por parte dos educandos implica criação e o exercício de uma séria disciplina intelectual. Pretender a inserção crítica dos educandos na situação educativa enquanto situação de conhecimento sem esta disciplina é espera vã. Mas, assim como não é possível ensinar a aprender sem ensinar um certo conteúdo através de cujo conhecimento se aprende a aprender, não se ensina igualmente a disciplina de que estou falando a não ser na e pela prática cognoscente de que os educandos vão se tornando sujeitos cada vez mais críticos.

O papel testemunhal do professor na gestação desta disciplina é enorme. Mais uma vez, aí, sua autoridade, de que sua competência faz parte, joga uma importante função. Um professor que não leva a sério sua prática docente, que não estuda e ensina mal o que mal sabe, que não luta para dispor das condições materiais indispensáveis à sua prática docente, se proíbe de participar para a formação da imprescindível disciplina intelectual dos estudantes. Se anula, pois, como professor.

Mas, esta disciplina não pode resultar de um trabalho feito nos alunos pelo professor. Requerendo a presença do professor, sua orientação, esta disciplina tem de ser construída e assumida pelos alunos.

Por isso mesmo é que o professor a quem se condiciona para usar sua autoridade no sentido de inibir a liberdade dos alunos através do cumprimento rotineiro do que está dito nos manuais, não tem



"O poder autoritário é bisbilhoteiro. Já a dialogicidade é cheia de curiosidade, de respeito mútuo entre as pessoas".

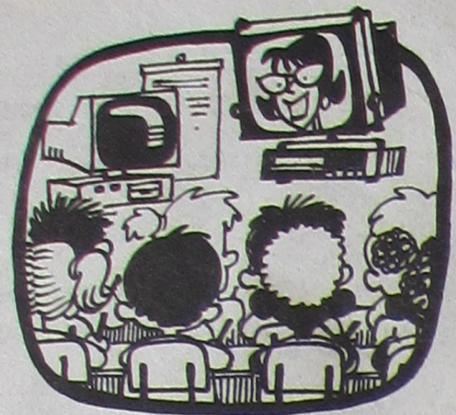
liberdade de criar e não pode, assim ajudar os alunos a ser criativos e curiosos."

DESCOBRIR A ALEGRIA

"Na constituição desta necessária disciplina não há lugar, na perspectiva progressista, nem para a identificação do ato de estudar com uma espécie de brinquedo com regras frouxas ou sem elas, nem tampouco com um que fazer insofrito, desgostoso, enfadonho. O ato de estudar, de conhecer é difícil, sobretudo, exigente. É preciso, porém, que os educandos descubram e sintam a alegria nele embutida, que dele faz parte, sempre disposta a tomar todos quantos a ele se entreguem."

Os desenhos são de Chris Hodzi - In: Training for Transformation - Zimbábue

1969	1970	1977	1980	1986	1988	1991	1997
Estados Unidos Publicações: Extensão ou Comunicação? e Ação Cultural para a libertação Professor universitário em Harvard	Ida para o Conselho Mundial de Igrejas - Genebra (CMI) Publicação: Cartas a Guiné Bissau "Preferi vir para o Conselho, em Genebra, porque temia, ao deixar a América Latina, perder o contato com o concreto e começar a me meter dentro de biblioteca e a operar sobre livros, o que não me satisfaria." Através do CMI, Paulo "andarihou" pelo mundo. Contribuiu em projetos educativos nas Américas, África e Oceania.	Consegue passaporte e volta ao Brasil "Terminava de fato e de direito, um exílio para o qual fora com 43 anos e do qual votava com 58. Voltava vivido, amadurecido, disposto a reaprender o Brasil".	O professor Estabelecido em S. Paulo, Freire passou a dar aulas na PUC e na Unicamp. Durante este tempo acompanhou projetos de educação popular através do IDAC e depois do VEREDA.	A perda da Elza Morre Elza, a grande companheira e incentivadora de Paulo.	Casamento com Ana Maria Araujo. "Eu não tive medo, aos 66 anos de refazer minha vida. Casei-me de novo para continuar vivo e porque amei de novo". Secretário Municipal de Educação. "Aceitei o convite que a Erundina me fez porque eu não tinha o direito de dizer não depois de toda a vida que vivi, depois das denúncias que fiz, de ter escrito o que escrevi."	De volta aos livros. Publicação: A educação na cidade; Pedagogia da Esperança; Política e Educação; Professora sim, tia não; A sombra desta mangueira; Pedagogia da Autonomia Deixando de ser secretário, Paulo dedicou boa parte do seu tempo à escrita de novos livros. "Gosto de escrever e de ler. Este meu gosto se dirige a uma certa utopia que envolve uma certa causa, um certo tipo de gente nossa. Por isso, escrever a crítica, não malvada, mas lúcida e corajosa das classes dominantes continuará a ser uma das minhas frentes de briga."	2 de maio - Morre em São Paulo



Ligue-se no computador

Aprender a lidar com um computador significa não mais que inserir outra máquina no nosso dia-a-dia. Mas o que fazer com ele?

A escola ainda não aprendeu a incorporá-lo de forma harmônica. Isto, em parte, é culpa dos advogados das novas tecnologia, que só se preocupam como o lado técnico, ignorando a lógica de funcionamento da escola.

Não foi por acaso que, no começo, muitas escolas acreditaram que sua função era a de “decifrar” o computador perante os alunos. O objetivo era conhecer seus componentes e seu funcionamento; apareceram as aulas de programação e o computador tornou-se objeto de conhecimento. A proposta era aprender **sobre** o computador.

Numa outra perspectiva, o computador deixou de ser objeto de conhecimento para se transformar em instrumento que possibilita conhecer outras coisas. Enquanto ferramenta, através dele aprende-se geometria, história, literatura... Agora, não se aprende **sobre** mas **com** o computador.

Assim, uma boa notícia: você não precisa saber do funcionamento desta máquina para poder se aventurar neste universo. Lembre-se, que você usa o microondas embora não tenha domínio do que acontece com ele. Entretanto, existem conhecimentos que ajudam entender a lógica do computador. Saber que: os programas são conjuntos de arquivos, que estão organizados em pastas, que as extensões indicam o programa em que foram criados, que o ambiente windows funciona como um gerenciador ajudam qualquer usuário. São conhecimentos úteis, mas, mesmos assim, só podem ser, de fato, aprendidos a partir do uso que deles fazemos. Ou seja: é usando o computador que conhecemos sua estrutura. É percebendo como responde a diferentes situações que estabelecemos relações e entendemos sua lógica. Muitos professores imaginam ser necessário fazer cursos específicos para começar a mexer com ele. Com esta crença, muitas vezes o simples se transforma num “cavalo de batalha”.

O importante, para o professor, é vislumbrar **em que situações e de que forma** o computador pode auxiliar no seu trabalho. O desafio é

descobrir como o computador otimiza as situações de ensino. Esta não é uma tarefa fácil, envolve um olhar diferenciado. É usando-o e observando como são aproveitados fora da escola, que descobrimos os recursos que oferecem e quais as portas que se abrem.

Muitos trabalhos com a informática não transcendem o uso de processadores de textos, quando isto acontece é porque se tem uma visão reducionista das possibilidades que o computador oferece.

Usando-o para suprir necessidades diferentes, é possível ampliar esse olhar. O computador pode ser aproveitado de muitas maneiras: como organizador de dados, fonte de consulta, meio de comunicação, organização de informação, apresentação de um tema de forma não linear (hipertexto), animação etc.

Como esta tecnologia é só **um meio** e não uma finalidade, não cabe aqui a criação de situações artificiais para o seu uso.

Custa incorporar máquinas que pedem alterações profundas no processo de ensino. Não se trata de usar este instrumento da mesma forma que usamos o giz, ou com a mesma organização de aula quando da ausência deste. É preciso uma reformulação estrutural, por ex., no caso dos laboratórios de informática¹ o grau de interação entre os que lá estão é muito diferente, mudam os interlocutores. Não é fundamentado na troca aluno-aluno, professor-aluno, mas na exploração que o aluno é capaz de fazer com as alternativas que o computador oferece. Se temos uma atitude centralizadora, conviver com situações onde os alunos partem para um investigação a partir dos *links* que selecionam, torna-se verdadeira tortura.

Com o computador, o papel do professor se transforma, o que é muito diferente de dizer que ele se anula. A ele cabe um papel fundamental: que é o de organizar, planejar, interagir para que esse uso seja, de fato, fecundo.

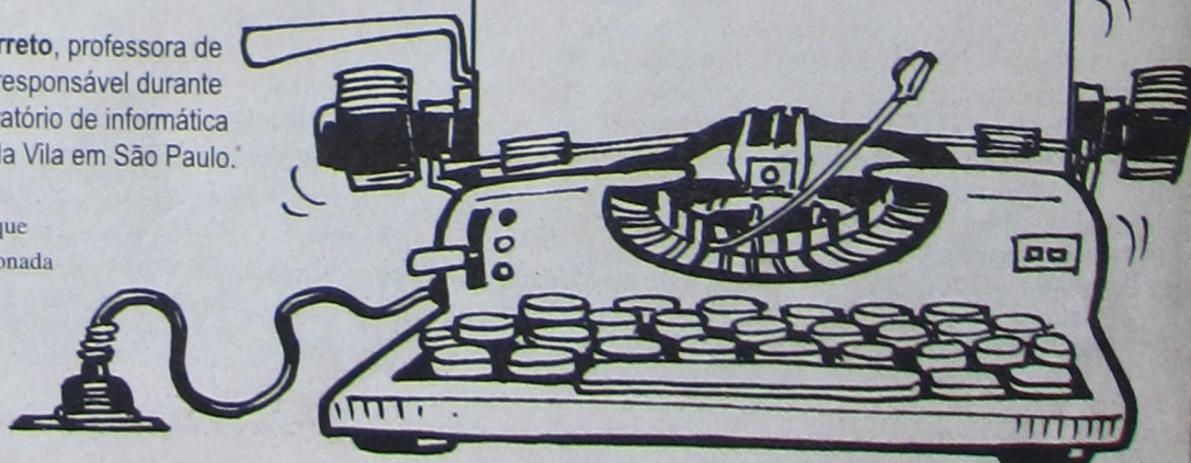
Andréia Q. Barreto, professora de 4ª série, foi responsável durante 4 anos pelo laboratório de informática da Escola da Vila em São Paulo.

¹ Que é uma opção que começa a ser questionada

“A máquina está a serviço de quem?”

“Em primeiro lugar, faço questão enorme de ser um homem de meu tempo e não um homem exilado dele, o que vale dizer que não tenho nada contra as máquinas. De um lado, elas resultam e de outro estimulam o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, que, por sua vez, são criações humanas. O avanço da ciência e da tecnologia não é tarefa de demônios, mas sim a expressão da criatividade humana. Por isso mesmo, as recebo da melhor forma possível. Para mim, a questão que se coloca é: a serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão? Quero saber a favor de quem, ou contra quem as máquinas estão sendo postas em uso. Então, por aí, observamos o seguinte: Não é a informática que pode responder. Uma pergunta política, que envolve uma direção ideológica, tem de ser respondida politicamente. Para mim os computadores são um negócio extraordinário. O problema é saber a serviço de quem eles entram na escola. Será que vai se continuar dizendo aos educandos que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil? Que a revolução de 64 salvou o país? Salvou de que, contra que, contra quem? Estas coisas é que acho que são fundamentais.

Paulo Freire,
para a revista BITS, maio de 84



Olha o Paulo Freire na avenida!!!!

A Escola de Samba Leandro de Itaquera está preparando, para o carnaval do próximo ano, uma homenagem a Paulo Freire.

O desfile da Escola terá como tema: *Por Paulo Freire: Educação, um Salto para a Liberdade*.

Informações sobre como participar, fantasias, ensaios, etc, com: Ivana e Paulo (011) 262-8185 ou (011) 864 6503.



Escola do Futuro USP - São Paulo

Telefax: (011) 255-7182 / 255-5538. Oficina Criativa de Projetos Educacionais I, de 7 a 10 de dezembro

No próximo número do GIZ:

As reformas oficiais na educação: LDB, novos parâmetros curriculares, avaliação nacional...

Um chefe implacável

Paulo Freire, quando no papel de dirigente, nos legou uma irragem de tolerância e diálogo constantes, marcada por profundo respeito às posições alheias (ou, até, contrárias); no entanto, nunca sua dialogicidade se confundiu com complacência, conivência oportunista ou contemporização.

A radicalidade de suas convicções, longamente maturadas e submetidas ao crivo coletivo, o fez um chefe distante do autoritarismo (refúgio dos inseguros, para os quais importa mais vencer do que convencer os chefiados) e, sempre cioso da função política de uma autoridade educacional, era firme e determinado, não temendo exercê-la.

Desse ponto de vista, ele era um chefe implacável; tinha tamanha obstinação pelos deveres conjuntos que havéramos assumido que, como grande mestre, aceitava erros, mas, jamais admitia entre nós o desânimo, a negligência e, principalmente, a hipocrisia.

Mário Sérgio Cortella,

chefe de gabinete de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação

“A primeira vez que ouvi falar de Paulo Freire foi em 1965. Uns amigos chilenos comprometidos com a educação dos camponeses me falaram com entusiasmo de um método revolucionário de alfabetização e de conscientização que estaria chegando ao Chile com um exilado brasileiro. Porém, não teria conhecido pessoalmente Freire se buscas pessoais não me tivessem levado ao Brasil em 1966, quando Paulo já não se encontrava lá. Voltando para o Chile, uma parenta de Paulo me deu uma caixa com um par de sapatos usados: “É que Paulo gostava muito deles, sabe?”. Os velhos sapatos me abriram a porta da casa e me sentaram à mesa de Paulo, Elza e seus cinco filhos. Falamos dos amigos brasileiros e admirando a cor e o sabor do vinho

chileno, Elza e Paulo lembravam os trabalhos de alfabetização do Nordeste. Assim conheci o homem que tantos tiveram a sorte de conhecer em seminários e conferências porque uma de suas características é a de ter sido o mesmo na vida particular e na pública.”

José Antonio Fernandez

chileno de nascimento vive hoje na Espanha onde é professor universitário.

Há 17 anos participei de cursos sobre educação de adultos. Foi aí, que ouvi falar, pela primeira vez, de Paulo Freire. Palavras como “educação bancária”, “teoria/prática”, “diálogo”, “utopia” e “conscientização” foram para mim o início de uma prática alfabetizadora que continua até hoje.

Desde então, venho relacionando as idéias que aprendi com uma prática que ano após ano tem se convertido em uma rica experiência, em um aprender constante. Há quem afirme que os ensinamentos de Paulo Freire estão superados, que suas idéias ficaram defasadas. Talvez estas pessoas desconheçam que o desenvolvimento atual das ciências sociais segue um enfoque dialógico, uma perspectiva comunicativa valorizada por autores como Freire e Habermas, que tentaram conjugar dois processos que vêm se demonstrando inseparáveis: a aprendizagem instrumental e a ação comunicativa.”

Maria José Briansó Martinez

alfabetizadora de jovens e adultos, Madrid, Espanha

“Durante 17 anos tive uma íntima relação com Paulo Freire e sempre me comoveu a forma com que sua coragem política e seu alcance de intelectual se uniam a seu amor a vida e a sua generosidade de espírito. Numa oportunidade, me disse que não podia imaginar um revolucionário que não gostasse de uma boa comida e de música. Não estou

seguro se o gosto pela comida, pela música ou por ambas as coisas fez que sua poesia deslizasse até a política. O político e o pessoal informaram mutuamente a vida e a obra de Freire. Sempre foi um estudante curioso, até quando assumia o papel de mestre crítico. Quando passava do privado ao público e vice-versa, mostrava um assombroso dom para fazer que todos os que com ele se encontravam se sentissem valorizados.”

Henry Giroux

amigo e grande estudioso da obra de Freire é professor universitário nos Estados Unidos.

Apenas uma impressão

Paulo Freire impressionava. A placidez inicial de sua conversa preparava para revelações. Sua obra pedagógica foi gerada sob um manto de interação e dádiva. De que tecido era feito este manto? Quais seus ornamentos básicos? Sem maiores literatices pode-se afirmar que o amor pelo ser humano, a crença na possibilidade de desenvolvimento de sua capacidade crítica, em seu permanente vir a ser, constituiu o pilar de sua vida. Este foi o fundamento para a paixão com que se dedicava à educação de adultos, incansavelmente investigando e ampliando as teorizações que criou. A humildade sempre o acompanhou. Nunca se envaideceu com os inúmeros títulos e honrais que recebeu. Sempre pautou seu relacionamento com os amigos pela confiança. Estes sempre encontraram nele acolhida para o diálogo, a orientação e mesmo o simples prazer de um bate bapo agradável. Sua consciência política, coerente e íntegra, o levou a opções inevitáveis ao longo da vida, todas exercidas com dignidade. Paulo Freire continua impressionante.

Aurenice C. Xavier

membro da primeira equipe de P. Freire participando da elaboração da proposta de alfabetização em Recife.

HISTÓRIAS DE ESCOLA



Apixonado



- Fessora Cida, tô apaixonado pela senhora.
- O quê? !!!!!!!!!!!!!
- Tô gamadão na senhora "fessora". Passei o fim de semana todinho pensando em você. Quer casar comigo, Cidinha?
- Ergh! Zito, olha...Ergh...veja bem, he- he, isso é bobeira da sua cabeça...é...é...eu sou apenas sua professora!
- Então a Sra. não vai casar comigo?! E todo o amor que eu tenho pra te dar, Cidoca?
- Fala baixo, Zito!
- Quer dizer que eu perdi meu final de semana pensando em você, deixei até de

- fazer meu trabalho correndo o risco de repetir de ano por nada?
- Ergh...Zito, esquece esta história, por favor!
- Mas e o trabalho que eu deixei de fazer?
- Entrega outro dia.
- Cidoca, paixão...
- Ergh! Não precisa entregar, não, tá? Eu faço sua média de outro jeito!
-
- Deu certo pessoal.
- Pssora!
- Diga Ritinha.
- Tô apaixonada pela senhora!

Ronaldo dos Santos / Outubro de 98

VASCULHANDO EM LIVRARIAS

À SOMBRA DESTA MANGUEIRA

Ed. Olho d'Água - São Paulo - 1995

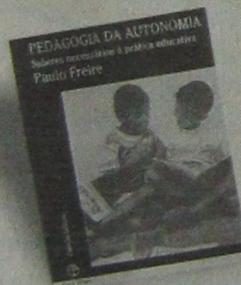


Neste livro gostoso de ler mas bastante provocador do pensamento Paulo escolhe diferentes momentos da sua vida e vai através delas recendo sua filosofia. Assim ele mistura de forma poética infância, democracia, saudades, exílio, solidariedade.

O prefácio de Ladislau Dowbor, economista e genro do autor, retrata e analisa situações do mundo onde o livro foi escrito. Faz um ótimo diálogo com o texto de Paulo.

PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Ed. Paz e Terra - (Col. Leitura) 1996



Pouco antes de sua morte Paulo Freire nos contemplou com esta obra que de forma simples e didática define as qualidades necessárias para ser professor. Estabelece a construção da autonomia como componente essencial da ação educativa. Reflete sobre os saberes necessários à prática educacional e crítica, fundamentados numa ética pedagógica e numa visão de mundo, onde estão presentes a rigorosidade, pesquisa, criticidade, risco, humildade, bom senso, ousadia, tolerância, alegria, curiosidade, competência e esperança.

... ..

CANTIGAS DE RODA - CD

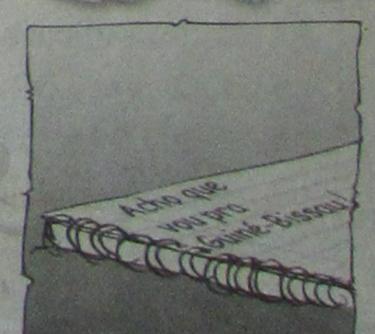
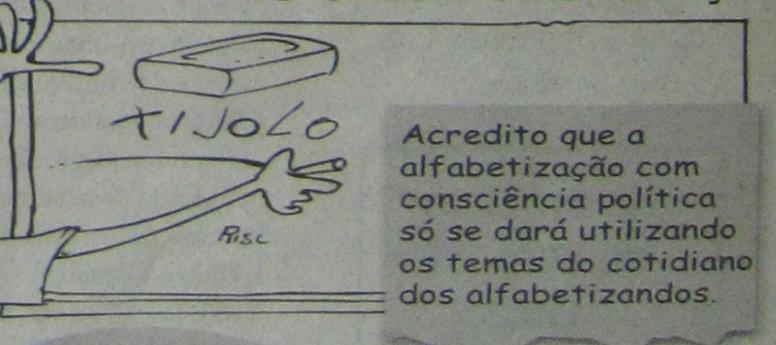
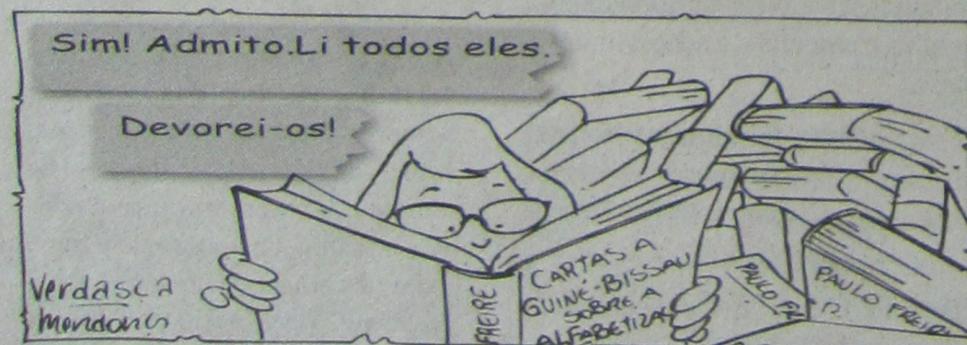


São as belas canções tradicionais do folclore brasileiro, com nova roupagem, para você ouvir junto com os seus alunos: Sapó Jururu, Pombinha Branca, Alecrim, a Canoa Virou, Peixe Vivo...

As vozes são de: Ná Ozzetti, Suzana Salles, Mônica Salmaso, Márcio Werneck, Sandra Peres, Paulo Tatit e o coro infantil "Das primas".

O selo "Palavras Cantada" oferece também os CDs "Canções de Ninar" e "Canções de Brincar".

DIÁRIO DE UMA PROFESSORA ANGUSTIADA



Acredito que a alfabetização com consciência política só se dará utilizando os temas do cotidiano dos alfabetizandos.